

BREVÍSSIMA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM SUA INTERFACE COM A EDUCAÇÃO NO BRASIL.

Jamily Fehlberg¹

RESUMO: O texto apresenta a discussão acerca do campo da Psicologia Escolar ou Psicologia da Educação como uma das questões amplamente debatidas, apesar do tempo transcorrido. Assim, pretende discutir aspectos históricos como grandes sustentáculos desse campo do saber psicológico e suas peculiaridades no país em contraste com outros países. Isso posto, nota-se um período de obscuridade nas produções científicas ligadas à área principalmente durante o período de exceção brasileira, que sem dúvidas retraiu avanços importantes na formação e prática da psicologia ligada à escola e à educação no país. Entretanto, após anos nas “sombras” as produções e práticas vêm ganhando destaque na produção científica brasileira, que apontam mudanças prementes. Apesar de um grande apelo à avaliação psicológica x “problemas de aprendizagem”, percebe-se que algumas atribuições são conquistadas psicologia a cada tempo. Isso posto, aponta-se a abertura para as contribuições de outros campos da psicologia e outros campos do saber como possibilidade de ainda mais mudanças e conquistas para a área.

Palavras-chave: Psicologia Escolar; Psicologia da Educação; Multidisciplinariedade; Formação em Psicologia.

BRIEF HISTORY OF PSYCHOLOGY IN ITS INTERFACE WITH EDUCATION IN BRAZIL.

Abstract: The text presents the discussion about the field of School Psychology or Educational Psychology as one of the widely debated issues, despite the time elapsed. In this sense, it intends to discuss historical aspects as great supporters of this field of psychological knowledge and its peculiarities in the country in contrast to other countries. This fact shows a period of obscurity in the scientific productions related to the area, especially during the period of Brazilian exception, which undoubtedly retracted important advances in the formation and practice of psychology linked to school and education in the country. However, after years in the "shadows" the productions and practices have been gaining prominence in Brazilian scientific production, which point to pressing changes. Despite a great appeal to psychological assessment x "learning problems", it is realized that some psychology assignments are earned every time. That said, we point out the openness to the contributions of other fields of psychology and other fields of knowledge as the possibility of even more changes and achievements for the area.

Palavras-chave: School Psychology; Educational psychology; Multidisciplinarity; Formation in Psychology.

¹ Professora Doutora Pela Universidade Federal do Espírito Santo, Professora nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia e Pedagogia da Faculdade Pio Décimo Aracaju/SE.

Introdução

Psicologia Escolar ou Psicologia da Educação? Ou ainda Psicologia do Educacional ou Psicologia do Ensino? A qual dessas denominações poder-se-ia designar o campo de conhecimento psicológico em sua interface com a educação e a escola? É desafiador pensar na denominação do termo corretamente aplicável, embora muitos autores já tenham também se questionado e se debruçado na busca por essa definição. Pode-se pensar que a questão levantada é tema ultrapassado, porém ANTUNES (2003, 2008, 2011) e BARBOSA & SOUZA (2012) ainda o discutem em suas produções, as quais destacam os aspectos históricos como mais relevantes nessa altercação. Uma vez que são aspectos históricos os grandes sustentáculos de qualquer campo que se pretende construtor de saber sobre determinada realidade. Além do que através da história analisa-se o momento atual e o contexto referencial para que o profissional interessado se situe da melhor forma possível no meio acadêmico profissional na atualidade e componha sua formação da melhor forma possível.

De acordo com esses autores a cisão entre teoria e Prática fora historicamente constituída na Psicologia em Geral e, por conseguinte, na Psicologia Educacional e Escolar, sobretudo pela influência dos intelectuais norte-americanos. Uma vez que para estes a prática precisava ser diferenciada da produção científica na psicologia, porque a área precisava afirma-se enquanto ciência. (ANTUNES, 2011; BARBOSA & SOUZA, 2012)

As autoras acabam por se referir à “Psicologia da Educação” com a mesma denominação da “Psicologia na Educação” e “Psicologia Educacional”, entretanto há consonância na diferença epistemológica e de significado quanto aos termos “Psicologia da Educação” e “Psicologia Escolar”. O decurso em destaque fora acertado em sua construção acerca de ambas definições apontadas outrora, tem-se:

Assim, a psicologia da educação pode ser entendida como sub- área de conhecimento, que tem como vocação a produção de saberes relativos ao fenômeno psicológico constituinte do processo educativo. A Psicologia Escolar, diferentemente, define-se pelo âmbito profissional e refere-se a um campo de ação determinado, isto é, o processo de escolarização, tendo por objeto a escola e as relações que aí se estabelecem; fundamenta sua atuação nos conhecimentos produzidos pela psicologia da educação, por outras sub-áreas da psicologia e por outras áreas de conhecimento. Deve-se, pois, sublinhar que psicologia educacional e psicologia escolar são intrinsecamente relacionadas, mas não são idênticas, nem podem reduzir-se uma à outra, guardando cada qual sua autonomia relativa. A primeira é uma área de conhecimento (ou sub-área) e, grosso modo, tem por finalidade produzir saberes sobre o fenômeno psicológico no processo educativo. A outra constitui-se como campo de atuação profissional,

realizando intervenções no espaço escolar ou a ele relacionado, tendo como foco o fenômeno psicológico, fundamentada em saberes produzidos, não só, mas principalmente, pela sub-área da psicologia, a psicologia da educação. (Antunes, 2008 p. 470).

Segundo o autor haveria uma diferenciação bem delimitada entre as subáreas da psicologia, entretanto há uma forte tendência à colaboração entre estas, uma vez que seus objetivos diferem muito mais em sua finalidade que em suas bases epistemológicas. Inclusive pode-se citar definições de fortes tendências internacionais que influenciam pesquisa brasileiras como a Associação Americana de Psicologia a qual que corrobora estas definições.

A *American Psychological Association* (APA) distingue duas, dentre as 56 divisões de áreas de atuação da psicologia, as quais estariam destinadas à área da Educação:

Divisão 15²: Psicologia Educacional fornece um ambiente colegial para psicólogos com interesse em pesquisa, ensino ou prática em contextos educacionais em todos os níveis para apresentar e publicar artigos sobre o seu trabalho. O trabalho dos membros da divisão está relacionado com a teoria, a metodologia e as aplicações para um amplo espectro de questões de ensino, formação e aprendizagem.

Divisão 16³: A Psicologia Escolar é composta por psicólogos cientistas-profissionais cujos principais interesses profissionais estão nas crianças, nas famílias e no processo escolar. A divisão representa os interesses de psicólogos envolvidos na prestação de serviços psicológicos abrangentes para crianças, adolescentes e famílias em escolas e outros ambientes aplicados. A divisão é dedicada a facilitar a prática profissional da psicologia escolar e defende ativamente campos de atuação, como a educação e a reforma de cuidados de saúde, que têm implicações significativas para a prática da psicologia com as crianças. (Associação Americana de Psicologia – APA, Serviço de Divisão)

Como pode-se constatar que há similaridade entre as ideias defendidas por Antunes (2008) e a APA posto que mais uma vez é abordada a ideia de que a grande diferença entre as duas seria a associação entre conceitos em comum, com focos diferentes na prática. Embora já em sua história a Psicologia da Educação tenha um espectro mais

² Division 15: Educational Psychology provides a collegial environment for psychologists with interest in research, teaching or practice in educational settings at all levels to present and publish papers about their work. Division members' work is concerned with theory, methodology and applications to a broad spectrum of teaching, training and learning issues.

³ Division 16: School Psychology is composed of scientific-practitioner psychologists whose major professional interests lie with children, families and the schooling process. The division represents the interests of psychologists engaged in the delivery of comprehensive psychological services to children, adolescents and families in schools and other applied settings. The division is dedicated to facilitating the professional practice of school psychology and actively advocates in domains, such as education and health care reform, which have significant implications for the practice of psychology with children. (Division Services – American Psychological Association, Washington, DC)

amplo de objetos de trabalho, enquanto que a Psicologia Escolar tenha seu foco mais precisamente em aspectos ligados à instituição escola. O que não fica bastante claro quanto à referência ao campo de atuação da Psicologia ligada à educação diante do quadro de cargos direcionados ao Psicólogo, documento elaborado pelo Conselho Federal de Psicologia em cooperação com o Ministério do Trabalho.

Psicólogo Educacional. Introdução: Atua no âmbito da educação, nas instituições formais ou informais. Colabora para a compreensão e para a mudança do comportamento de educadores e educandos, no processo de ensino aprendizagem, nas relações interpessoais e nos processos intrapessoais, referindo-se sempre as dimensões política, econômica, social e cultural. Realiza pesquisa, diagnóstico e intervenção psicopedagógica individual ou em grupo. Participa também da elaboração de planos e políticas referentes ao Sistema Educacional, visando promover a qualidade, a valorização e a democratização do ensino⁴. (BRASIL, 1992)

Neste, a ênfase claramente é atribuída ao psicólogo e sua prática institucional, o que parece não contemplar o Psicólogo Escolar como já fora amplamente discutido acima. Pode-se entender que a partir da diretiva do sistema Conselho e por diversas questões em nível estrutural, o Brasil figura em uma tendência a priorizar aspectos mais ligados às práticas e menos ligados à produção científica acerca dos processos educacionais. Ideia que fica ainda mais clara quando parte-se para o notório realce do Brasil como um país bastante aquém em produção científicas, em praticamente todas as áreas de construção de conhecimento. Fato que inibe investimentos em qualquer área que seja voltada exclusivamente para a produção de conhecimento, como é o caso da Psicologia da Educação. Nesse sentido, haveria desinteresse em estipular uma atribuição do psicólogo brasileiro voltada somente para a profissão de pesquisador na área da educação.

Para a Associação Brasileira de Psicologia Escolar (ABRAPEE), fundada em 1990 com a finalidade de congrega estudiosos e profissionais na união entre psicologia, educação e escola, não haveria necessidade de independência entre os termos, por que o resultado esperado necessita da união das duas partes. O que parece estar consolidando a importância da presença da psicologia em instituições escolares, como o trabalho de fortalecimento da área ao longo de várias décadas. Assim, para alguns autores os termos não possuem diferença prática no país. Como lembra o BARBOSA & SOUZA (2012):

Mas, de um modo geral, essa divisão clássica e hoje tradicional é muito disseminada por alguns teóricos e profissionais que mantêm a ideia de que a

⁴ Atribuições Profissionais do Psicólogo no Brasil Contribuição do Conselho Federal de Psicologia ao Ministério do Trabalho para integrar o catálogo brasileiro de ocupações – enviada em 17 de outubro de 1992. (BRASIL, 1992)

Psicologia Educacional fica a cargo de responder pela *teorização* e pelas pesquisas, e a Psicologia Escolar, pela *prática*. Contudo, a partir do olhar histórico, verifica-se que o termo “Psicologia Educacional” durante muito tempo no Brasil reunia em si os dois aspectos – o *teórico* e o *prático*. (p. 166)

Em termos históricos as grandes questões nas quais a Psicologia fora demandada na educação, tem relação estrita com as discrepâncias e dificuldades junto ao ambiente escolar, as quais respondeu de forma à aplicar constructos e obter resultados (Barbosa&Souza, 2012). Portanto o olhar científico mirou sobretudo a prática, ou a realidade desta. Como pode ser constatado nas atribuições do “Psicólogo Educacional” pelo sistema conselhos, anteriormente citado.

Uma vez definida que a terminologia utilizada ao longo deste trabalho será variada no tocante à aspectos históricos da Psicologia Educacional Brasileira, entretanto se faz necessário abordar-se os aspectos históricos para que aspectos epistemológicos ascendam. Pretende-se no decurso do texto discutir aspectos constitutivos da história da Psicologia da Educação. Bem como sua interface com a História da Psicologia Escolar e Educacional no Brasil, posto que estas se encontrem não raramente ao longo do percurso. Pretende-se também discutir como alguns fatos históricos relevantes (como o período ditatorial), na produção de pesquisas e na construção do saber.

Que História Pretende-se discutir? Psicologia da Educação como subárea de conhecimento.

O registro histórico parece não condizer com o fato em si, porque muitas são as interfaces que compõe um fato histórico. A historiografia nada mais é do que um recorte em destaque sobre o fenômeno estudado em determinado tempo, evocado e significado no presente. Trata-se de pensar a história assim como ela é apenas um recorte intencionado, pois segundo Walter Benjamim,

articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja num momento de perigo (BENJAMIM, 1987 p.224).

Logo, utilizando essa noção de história descontínua e criada à partir de uma perspectiva recortada, pretende-se traçar um caminho acerca das origens identificadas da Psicologia em seu encontro com a Educação. Tratar-se-á de um brevíssimo recorte histórico comum seja da Psicologia da Educação, Psicologia Escolar ou Psicologia do Ensino. Todas com

origem na trajetória de construção da Psicologia Científica (PFONM NETTO, 2011; SALVADOR,1999; 2000).

Segundo Salvador (1999) e Pfonm Netto (2011) o início do que se entende como a base para a Psicologia em interface à educação ou à formas de relação do indivíduo com a aprendizagem tem seu início basicamente após a criação do laboratório de Psicologia Experimental em Leipzig Alemanha. Apesar da “psicologia filosófica”⁵ ter produzido constructos acerca dos processos de aquisição de conhecimento, os quais reuniram formulações desde Aristóteles e John Locke, as grandes contribuições à Educação vieram como conhecimentos experimentais aplicados à várias áreas.

A Psicologia como ciência marca um momento importante de consolidação do capitalismo como base econômica e social de uma sociedade “marcada pelas relações de produção no século XIX, que impactaram as relações no âmbito da

família, especialmente em relação ao papel da mulher nos espaços sociais” (GUZZO ET AL., 2010, p.132). Assim, o fortalecimento da Psicologia como ciência autônoma coincidiu historicamente com o início⁶ da obrigatoriedade da escolarização para a maioria da população europeia. Esse ultimo dado prova urgência em um trabalho de otimização do ensino e de métodos de aprendizagem científicos aplicados ao contexto do ensino. Esse conjunto de expectativas a cerca da Educação e sua importância para os países desenvolvidos, surge a Psicologia da Educação já na primeira década do século XX.

Essa disciplina assume trabalhos e pesquisas sobre aprendizagem, testes mentais, medidas de comportamento, psicologia da criança e clínica infantil, tudo referido direta ou indiretamente à problemática educativa e escolar. (SALVADOR, 1999 p. 22)

A psicologia em sua busca pelo *status* positivista de “ciência” se enveredou por inúmeros potenciais campos de construção e aplicação de resultados de experimentos, que amplamente foram acrescentando novos constructos à áreas diversas do conhecimento. Alguns dos grandes nomes da Psicologia da Educação iniciaram suas pesquisas em 1879 no Laboratório de Psicologia de Wundt, em Leipzig Alemanha, e migraram posteriormente para os Estados Unidos⁷ (ÁLVARO & GARRIDO, 2006), e lá

⁵ Como foi denominada por Salvador (1999), ao se referir à constructos filosóficos ligados ao fenômeno da aprendizagem humana, como exemplo a Teoria das Faculdades que tem início em John Locke e fora amplamente discutida e reformulada até o final do século XIX.

⁶ Nos países mais desenvolvidos (SALVADOR, 2000)

⁷ Os Estados Unidos da América iniciou no final do século XIX e início do século XX uma busca por grandes cérebros, a fim de compor suas universidades de com isso promover através do desenvolvimento científico o crescimento econômico e estrutural que tanto ansiava (ÁLVARO & GARRIDO, 2006)

desenvolveram muito do que fora aplicada à educação e à psicologia geral, como fora o caso de J. M. Cattell⁸, W. James⁹, G. Stanley Hall¹⁰ e E. L. Thorndike¹¹.

A Psicologia da Educação nas primeiras duas décadas do século XX, promoveu pesquisas em praticamente todas as áreas da Psicologia Geral e Experimental a ambiente relativo à educação, entretanto três áreas tiveram destaques por serem deveras interessantes para a educação escolar: “o estudo e a medida das diferenças individuais e a elaboração de testes, a análise dos processos de aprendizagem e a psicologia da criança” (SALVADOR, 1999 p. 23). Em termos práticos vê-se nessa divisão a menção aos primeiros passos da Psicologia do Desenvolvimento (Psicologia da Criança) e também do que mais tarde irá se desenvolver como Psicologia da Aprendizagem, entretanto à Psicologia da Educação fica a área dedicada às medidas e testes psicológicos (O estudo das medidas das diferenças individuais). O que durante muito tempo fora o mote da Psicologia ligada à educação tanto na Europa no início do século XX, quanto no Brasil até pelo menos o final daquele século.

O que não fora diferente na Europa onde o psicólogo francês Alfred Binet cria testes psicológicos, inclusive uma escala de inteligência mais tarde¹². Ambas as tentativas de trabalho junto à educação culminaram em contribuições acerca das diferenças de performance entre indivíduos, as quais se encontraram embasadas em escalas e testes psicométricos e de personalidade. Nunca se avançou tanto na avaliação de potenciais problemas individuais como nesse momento da história da psicologia, entretanto outras necessidades foram surgindo e sendo direcionadas à área. Como seria possível mudar

⁸ Cattell desenvolveu uma série de investigações sobre as diferenças individuais nos tempos de reações, o que fora ampliado em sua dedicação ao *Testing Movement*, no qual contribui na elaboração de diversos testes psicológicos para “ medir a capacidade de estabelecer juízos simples, a memorização, a nitidez sensorial e a rapidez de movimentos” (Salvador, 1999 p.21)

⁹ James contribui para as teorias psicológicas em geral também em sua vertente educativa com o trabalho *Talks to teachers on psychology and to students on some of life's ideals* (1899), (Salvador, 1999)

¹⁰ Hall destacou-se em pesquisa na psicologia ligada à criança, afirmando que é conveniente considerar o nível de desenvolvimento infantil e as características e necessidades das crianças como um ponto de partida da educação, (Salvador, 1999)

¹¹ Thorndike influenciou não somente as teorias da aprendizagem, mas nas origens da Psicologia Comportamentalista de Hull e Skinner, com sua Lei do Efeito “as condutas posteriores são as que satisfazem um determinado impulso, positivo ou negativo (ou seja, satisfazem uma necessidade ou evitam um perigo); ou contrário, as condutas que impedem a satisfação de uma necessidade do organismo ou que o intimidam não são aprendidas.”(SALVADOR, 1999 p. 25)

¹² Escala Mètrica de La Intel-ligència, conhecida desde 1905 como Escala Binet-Simon de Inteligência.(SALVADOR, 1999 p. 23)

processos de ensino para torná-los mais eficazes, ou como avaliar indivíduos de formas diferenciadas, ou até como melhorar a instituição escola e torná-la mais atrativa.

Nas primeiras duas décadas do século XX, inicia-se um movimento em Genebra¹³ contrário às tendências métricas da Psicologia Francesa e Americana, o qual formulou teorias que culminaram no movimento renovador em educação, conhecido como Escola Nova (onde a base da aprendizagem deveria ser o desejo de aprender e não o castigo e a recompensa). Este ganhou força na Europa e Estados Unidos em algumas décadas, porém depois da segunda década daquele século outros interesses anularam o movimento (ANTUNES, 2011; BARBOSA & SOUZA, 2012).

Já nas décadas de 50 e 60 desse mesmo século muita coisa parece ter mudado no panorama teórico dessa disciplina, uma vez que a aposta em suas contribuições à educação foram acentuadas sendo cada vez mais difícil delimitar o que seria o campo de atuação da Psicologia da Educação. Assim, sua definição enquanto área de conhecimento foi ampliada nesse contexto, consistiu então na “vontade de aplicação e de utilização do conhecimento psicológico para uma melhor compreensão, explicação, planejamento e desenvolvimento dos processos educativos.” (SALVADOR, 1999 p. 29)

O contexto histórico favoreceu o crescimento e a construção de conhecimento, bem como a ampliação de áreas relativas à educação em ambiente escolar entre as décadas de 50 e 60 em todo o mundo, mas principalmente nos países mais desenvolvidos. Período pós-guerra vem acompanhado de grande crescimento econômico e intelectual, o que justifica os altos investimentos na Psicologia da Educação e também a inclusão desta na formação de educadores e na orientação escolar. O momento histórico favoreceu o crescimento de outras áreas adjacentes a esta, como a psicologia da aprendizagem que conta com a vertente cognitivista e comportamentalista, a Psicologia Escolar pela ênfase na necessidade de instituições de cuidado e atenção às crianças em instituições escola.

As duas linhas de pesquisa da aprendizagem citadas tiveram como grandes expoentes Skinner com sua teoria do condicionamento operante que explica a aprendizagem como mudanças comportamentais resultantes da interação do organismo com o ambiente. Já os expoentes cognitivistas e sócio-cognitivistas Piaget e Vigotsky, que tomaram força na década de 70, acreditavam que a aprendizagem se dava a partir da aquisição,

¹³ O “Instituto Jean Jacques Rousseau” vulgarmente chamado de Escola de Genebra, inicia-se com os Psicólogos Claparède e Dewey, na qual posteriormente trabalharam André Rey, Jean Piaget e Bärbel Inhelder, que se mostram pesquisadores promissores na área até os dias de hoje. (NETTO, 2011 p. 19)

reestruturação e mudanças das estruturas cognitivas adquiridas ao longo da vida do indivíduo. Esses constructos emergentes nas décadas de 50, 60 e 70 ainda hoje são explorados por estudiosos da Psicologia da Educação em todo mundo, gerando novas teorias ainda mais complexas como Teoria Sócio Cognitiva de Bandura e da Aprendizagem Significativa de Ausubel (Woolfolk, 2000).

Assim como essas teorias da aprendizagem foram sendo desenvolvidas nesses anos prósperos, outras áreas dentro da Psicologia da Educação começaram a obter destaque e a se tornarem emergentes, como a Psicologia Escolar. Que tem registrada sua origem na França com o projeto de reforma de ensino nas escolas públicas realizados por influência do psicólogo Wallon na estruturação curricular nesta ocasião. Após a Segunda Guerra Mundial (1953), houve um trabalho de reformulação dos currículos escolares naquele país que deu relevância ao aluno e suas peculiaridades desde as primeiras séries escolares, tudo sobre intervenção de Langevin-Wallon (NETTO, 2011 p. 21).

Notadamente importante e vultosa fora a contribuição francesa para o surgimento desta nova área da Psicologia voltada à educação, especificamente aplica ao ambiente escola e seus processos, como fora definido acima neste texto. Entretanto, sabe-se que os Estados Unidos da América despontam como os maiores expoentes atuais na Psicologia Escolar, contanto com muitos programas de pós-graduação, mestrado e doutorados. Nos últimos trinta anos domina a Psicologia Escolar com suas teorias efetivamente à serviço da escola e dos que ali frequentam, pesquisas e muito conhecimentos produzidos nas questões que rodeiam o ambiente escolar e seus envolvidos (professores, alunos, família, entre outros).

Psicologia da Educação x Psicologia Escolar no Brasil

No país desde a época colonial a educação fora relegada ao obscurantismo político e econômico, haja vista a expulsão dos jesuítas e a não inclusão desta em Constituições ao longo do Brasil Império. Tem-se ao longo de 500 anos de história um notório descaso com a Educação, e tudo que a ela diz respeito, com o pretexto de que o descaso com a educação seria cultural. A história da Psicologia da Educação e Escolar no Brasil acompanha esse contexto social desvirtuoso, pode-se assim defini-lo (GUZZO ET AL., 2010)

Durante o período colonial alguns registros demonstram que a participação dos Jesuítas e suas concepções de educação podem ser registrados como um remanescente, um tanto

primitivo, de constructos teóricos hoje abordados pela Psicologia da Educação e Escolar no país. Como fica claro no trecho a seguir,

No Brasil, desde a chegada dos jesuítas e da instituição de um projeto de Educação no país, pode-se verificar o uso de conhecimentos, saberes ou ideias psicológicas em interação com os processos educativos. Massimi (1984, 1990) relata que encontrou em obras, cartas e documentos históricos do período colonial referências a temas como família, desenvolvimento e aprendizagem infantis, e o papel dos jogos na educação, entre outros assuntos que mais tarde seriam objeto da Psicologia em sua relação com a Educação. (BARBOSA & SOUZA, 2012 p. 166)

Após a expulsão dos Jesuítas aconteceu um período bastante obscuro para a educação, o que só retomou vitalidade, de acordo com Antunes (2003) com a vinda da família real para o Brasil, no início do século XIX, várias áreas das políticas públicas e serviços tiveram grandes avanços compreendidos até a atualidade. O país até então era somente uma possessão de Portugal e aqui pouco era investido em políticas públicas, infraestrutura, entre outros.

Com os investimentos da coroa no país, pode-se incluir a educação como um alvo de desenvolvimento, modesto, certamente, pois muitos problemas ainda foram apresentados por inúmeros anos. Entretanto, tem-se a partir daí a importação de tecnologias Europeias e sua aplicação em escolas brasileiras, principalmente no que tange à educação como preparação para um novo homem agora necessário ao desenvolvimento do que viria a ser um novo país. Fora um período de grandes conquistas e avanços.

A fim de entender o contexto da Psicologia da Educação e Escolar no Brasil, deve-se dar visibilidade ao grande descaso que há muito é despendido à educação de base. São notórios os baixos índices mundiais que avaliam variáveis ligadas ao rendimento escolar e o analfabetismo no país. Este sempre figura como uma das menos expressivas do mundo. De acordo com o Relatório de Monitoramento de índices de Educação da UNESCO (2016), no país cerca de 66% dos jovens que completam o ensino obrigatório possuem índices de ineficiência em Leitura e Escrita, além de possuírem baixos índices de aproveitamento em outras competências. Além de diversas avaliações acerca da baixa qualidade estruturais dos estabelecimentos de ensino, incluindo nisso o grande número de alunos por sala desde a educação infantil até o ensino médio.

O país convive com uma realidade educacional cada vez mais dura e ineficiente o que reflete na qualidade de trabalhos e produções científicas e demais avanços necessários. A história da educação não favoreceu nem promoveu um quadro diferenciado, pelo

contrário, a história da educação no Brasil é marcada por muitos episódios de descaso e comodismos. Como já fora abordado acima, a história da Psicologia como ciência coincide imensamente com a história da Psicologia Educacional e Escolar (ANTUNES, 2003; 2008; BOCK, 1999), uma vez que estas em muitos momentos produziram conhecimentos em prol da demanda da pedagogia e seus “problemas”. O que se destaca em sua história é a participação modesta na qualidade do ensino e na estruturação de boas práticas escolares ao longo de mais de 50 anos de parceria. Acredita-se que isso se deve a momentos históricos e políticos “escurecidos”, que refletiram sobremaneira no papel dessa ciência no Brasil, adestrando formas e formatos de atuação.

Tanto Neto (2011) quanto Guzzo et.al. (2010) dividem os primórdios da Psicologia da Educação no Brasil em três grandes períodos: o primeiro, até 1930 no qual vigorava estudos de laboratório sem a preocupação com intervenção práticas. Segundo até 1960, marcado pelo tecnicismo de origem norte-americano e pelo início do ensino universitário da Psicologia e sua inclusão como disciplina na formação de professores. O terceiro momento, a partir de 1960, que coincide com a entrada da Psicologia Escolar na graduação em Psicologia. Mas principalmente quando o trabalho do psicólogo ganha *status* de solucionador de problemas comportamentais e de aprendizagem na escola.

Segundo Antunes (2003, 2008) com a reforma de Benjamin Constant, já em 1980 houve iniciativas pequenas de implantação das ideias do movimento da Escola Nova Europeia, a qual teria na psicologia sua maior influência. O fim do século XIX e início do século XX marca uma mudança significativa na sociedade Brasileira, pois o projeto do novo homem iniciado com a vinda da família real teria seu apogeu 100 anos depois com a industrialização brasileira (BARBOSA & SOUZA, 2012). Para essa fase de estruturação da nova sociedade era necessário o aprimoramento de novos valores sociais e econômicos, o que seria uma tarefa das instituições formadoras: as escolas de base.

Datam de 1920 os primeiros laboratórios de psicologia ligados à produção de conhecimento a serem aplicados nas escolas, o que ajudou sobremaneira à ascensão da psicologia como ciência autônoma, e a distinguiu da filosofia. Passando a ser ensinada como disciplina na formação de professores à partir dos da década de 1930 (ANTUNES, 2003, 2008; BARBOSA & SOUZA, 2012; GUZZO ET.AL., 2010).

A tendência ao modelo psicométrico de trabalho, em especial a aplicação de testes psicológicos, foi bastante forte já na segunda metade do século XX, o que fortaleceu as ideias de segregação entre aptos e inaptos no tocante ao desenvolvimento cognitivo

individual (ANTUNES, 2003; BARBOSA & SOUZA, 2012). Fortalecendo a imagem do psicólogo na escola como o clínico e diferenciador, pois através da avaliação psicológica poderia diferenciar e segregador diversos segmentos.

A década de 1970 foi marcada por detalhes que acabaram por promover maior demanda pela Psicologia Escolar no país, uma vez que houve a promulgação da Lei 5.692/71, que propunha a ampliação do sistema educacional e efetivava sua obrigatoriedade e gratuidade, o que aumentou as evidentes diferenças entre realidades sociais. E em acréscimo promoveu diferentes dificuldades de adaptações aos ambientes escolares oferecidos. Fato que aumentou a demanda para a Psicologia nas escolas, em vista às discrepâncias encontradas entre os alunos que não aprendiam (BARBOSA & MARINHO-ARAÚJO, 2010; BARBOSA & SOUZA, 2012). Assim, vê-se que até a década de 1980 a psicologia exercida no Brasil era comprometida, predominantemente, com o conservadorismo e o reprodutivismo social (BARBOSA & MARINHO-ARAÚJO, 2010).

A regulamentação da profissão em 1962 coincidiu com o início do período ditatorial no país, e a psicologia então esteve relegada ao seu período mais obscuro em termos de produções reflexivas e modernas. Ao contrário em muito o saber da psicologia atendeu a interesses de uma elite burguesa urbana, a qual serviria durante algumas décadas por meio dos consultórios particulares, dos processos seletivos em organizações e das avaliações dos “problemas de aprendizagem e indisciplina” nas escolas (BOCK, 1999; ANTUNES, 2008). A atuação da psicologia em seus campos tradicionais como Organizacional e Clínica puderam ser desenvolver somente após a entrada da psicologia após sua união com a educação (ANTUNES, 2003; BARBOSA & MARINHO-ARAÚJO, 2010; BARBOSA & SOUZA, 2012; Bock, 1999)

A efetiva presença de psicólogos em ambientes escolares aconteceu gradualmente a partir de 1980, com a retomada da democracia no país, e a conseqüente retomada de discussões sobre a construção de um movimento político e de reformulação da prática profissional nesse campo de atuação. Sem é claro deixar de ressaltar que as desigualdades sociais no ambiente escolar, em conjunto com expectativas de intervenção do psicólogo na rede pública e privada, vêm demonstrando que a sociedade ainda espera do profissional a função de ajustar os estudantes ao sistema e, ao responder a esse tipo de demanda, o psicólogo se compromete com a reprodução das relações instituídas e funciona como

legitimador da desumanização do homem, quando seu trabalho reproduz ou mantém a exclusão.

Conclusão:

Assim, utilizando de figura de estilo apropriada, entende-se que a “sombra” da ditadura militar brasileira, ainda paira sobre a psicologia em contexto escolar, pois nota-se um período de obscuridade nas produções científicas e na evolução da prática da Psicologia Educacional. Entretanto, pelo que Guzzo et. all. (2010) trabalhou as produções científicas atualmente contêm avanços, o que apontam para um período de luz conforme a apologia indicada pelo iluminismo, luz como sabedoria como anúncio de mudança. Afirmção que pode-se atribuir à outros nomes ilustres da produção científica da área e suas produções e pesquisas atuais, as quais tocam na construção do fazer revolucionário e novo (ANTUNES, 2003, 2008; BARBOSA & SOUZA, 2012; GUZZO ET.AL., 2010)

São inquestionáveis as contribuições mundiais da Psicologia ligada à Educação nesses 100 anos de sua existência, entretanto é inquestionável também o quanto ainda essa área precisa avançar em questionamentos que ainda lhe são incutidos. Como por exemplo, a grande necessidade da construção de uma base científica consistente para os construtos teóricos da educação, ou propostas concretas para as mudanças necessárias ao ambiente escolar em contraposição à modernidade e suas exigências. Definitivamente, a que se destacar a magnitude dos processos educativos e suas complexas relações com o entorno. A grande questão que aparece no entanto, é que busca-se os mesmos construtos outrora direcionados à educação que agora está frente aos desafios das tecnologias e das redes sociais. Acredita-se que um caminho possível poderia ser através do auxílio de outras áreas da Psicologia e outros constructos, como por exemplo, da psicologia social, psicologia positiva e psicologia cognitiva pode-se chegar a mudar algo na educação e na escola.

Tudo isso contudo, sem é claro deixar de ressaltar que as desigualdades sociais no ambiente escolar, em conjunto com expectativas de intervenção do psicólogo na rede pública e privada, vêm demonstrando que a sociedade ainda espera do profissional a função de ajustar os estudantes ao sistema e, ao responder a esse tipo de demanda, o psicólogo se compromete com a reprodução das relações instituídas e funciona como legitimador da desumanização do homem, quando seu trabalho reproduz ou mantém a exclusão. Entretanto, a partir do trabalho multidirecionado e da abertura para as luzes de áreas diferentes da psicologia ou mesmo de outros campos do saber, como a medicina,

antropologia, entre outras é possível vislumbrar mudanças nesse ambiente algo enrijecido da escola formal.

Referências:

American Psychological Association, Division Services. Washington, DC. Disponível em: <<http://www.apa.org/about/division/div16.aspx>> Acesso: 05 de março de 2017.

ÁLVARO, J. L. ; GARRIDO, A. *Psicologia Social: perspectivas psicológicas e sociológicas*. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

ANTUNES, M. A. M. *Psicologia e Educação no Brasil: um olhar Histórico-Crítico*. In: MEIRA, M. E, M. & ANTUNES, M. A. M.(org). *Psicologia Escolar: Teorias Críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

ANTUNES, M. A. M. *Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas*. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), 12 (2), 2008.

ANTUNES, M. A. M. *Psicologia e Educação no Brasil: uma análise histórica*. In: R. G. AZZI & M. H. T. GIANFALDONI (Orgs.). *Psicologia e Educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

BARBOSA, D. R.; SOUZA, M. P. R. de. *Psicologia Educacional ou Escolar? Eis a questão*. *Psicologia Escolar e Educação*, v.16(1), 2012.
<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/39724>

BARBOSA, R. M. & MARINHO-ARAÚJO, C. M. *Psicologia Escolar no Brasil: Considerações e reflexões históricas*. *Estudos de Psicologia*, vol 27 n. 3, 2010.

BENJAMIN, W. *Sobre o conceito da história*. In: BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOCK, A. *A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social*. São Paulo: **Revista Estudo de Psicologia**, 4(2), 1999.

BRASIL, Conselho Federal de Psicologia. *Atribuições Profissionais do Psicólogo no Brasil*. Brasília, 1992.

- GUZZO, R. S. L.; MEZZALIRA, A. S. C.; MOREIRA, A. P. G.; TIZZEI, R. P.; SILVA NETO, W. M. de F. . Psicologia e Educação no Brasil: Uma Visão da História e Possibilidades nessa Relação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2010, Vol. 26(esp.)*.
- NETTO, S. P. As origens e o Desenvolvimento da Psicologia Escola. In: WECHSLER, S. M. (org). *Psicologia Escolar: Pesquisa, formação e prática*. Campinas: Alínea, 2011.
- SALVADOR, C. C. (org). *Psicologia da Educação*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- SALVADOR, C. C. (0rg). *Psicologia do Ensino*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- WOOLFOLK, A. E. *Psicologia da Educação*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- UNESCO. Relatório de Monitoramento de índices de Educação da UNESCO (2016)